

Chorona
NATÉRCIA PONTES

Esparrramada no sofá com minhas filhas, via um desenho animado da Disney. Lá fora fazia frio, as mãozinhas delas estavam geladas. Debaixo do cobertor, a gente brincava de tocar partes quentes do corpo produzindo um choque térmico aflitivo. A gente ria. O filme seguia sem que déssemos tanta atenção, até a parte em que uma personagem, um esqueleto de mulher, canta “La Llorona”. A melodia e o drama da melodia me fisgaram. Depois que as duas dormiram, fui procurar “La Llorona” na internet, encontrei mais de vinte versões da música tradicional mexicana, que é baseada numa lenda local. Uma mulher casa, tem dois filhos, sofre uma traição do marido e, para se vingar, mata os dois filhos afogados no rio. Depois não suporta a dor e se mata na sequência. Seu fantasma úmido e gelado fica vagando na cidade à procura dos filhos. Sem sucesso, ela assusta adultos e crianças, com uma expressão agonizante, uma máscara congelada em súplica. Por onde passa, a Chorona deixa o chão molhado e um rastro de culpa pelo assassinato de seus filhos. Vi que existe um filme de terror inspirado na lenda mexicana, deixei para assistir

depois. Saí do computador, o pensamento pastoso, enquanto abria a geladeira com o bafo mais quente que a temperatura da casa, fiquei procurando algo para comer, pensando numa mãe que mata seus filhos. Uma maçã murcha, dois dedos de suco de caju, fatias de queijo prato. A ideia de meter algo frio em meu corpo já tão frio me desanimou. Ameacei subir as escadas e parei diante do espelho que as guarda. Espelho, espelho meu, sou capaz de matar minhas filhas? A pergunta deu uma volta no meu pescoço e escapou pelo vão da porta da frente. Sinto que sou idiota e má. Para que me fazer essa pergunta? A Chorona matou os filhos por causa de um chifre. Motivo torpe. Mulher idiota. Mas nas notícias vemos filicídios aos borbotões. Considero jogar um bebê no lixo uma espécie de assassinato arrependido. O que leva uma mãe a matar um filho? A jogar um filho no rio escuro? A jogar o filho ainda de fraldas numa caçamba? Todas elas viram fantasmas? Algumas escapam da polícia e refazem sua vida, decoram o apartamento novo, tiram a sobancelha, assam um bolo de banana no meio da tarde? Elas dormem? Noite após noite? Não dá para dizer que todas as mães que mataram seus filhos são psicopatas. “Mas não vos indigneis, toda criatura precisa da ajuda dos outros”, pede a infanticida Maria Farrar. A personagem do Brecht que matou de pancada o filho que acabara de nascer num vaso sanitário, e sob a neve. Não vos indigneis. Tenho em mim alguma compreensão universal que acolhe os seres humanos. Chamo de meu lado “Jesus”. E nesse exercício me imagino matando minhas filhas, não sei como, só as vejo lívidas, as boquinhas entreabertas. A imagem congela minha espinha, como sou capaz de me torturar assim? Subo as escadas, vou até o quarto delas, os brinquedos mortos, e elas respiram cheias de vida. Uma de bruços, a outra de conchinha com um coelho de pelúcia, as mãos unidas servindo de apoio à bochecha. Pensar é meio que fazer. Sigo um pouco tonta em direção ao

meu quarto, carregando uma culpa imensa. Massacro a minha consciência por ter chamado a morte de maneira tão leviana e burra. Minhas filhotas, seus corpinhos quentes. Troco de roupa para tirar a carga pesada que paira sobre meus ombros, lavo o rosto, escovo os dentes, para desinfetar o hálito da morte. Não funciona muito. Entro na cabeça de uma mãe que está em vias de matar seu filho, não um bebê, uma criança de quatro anos, com quem já se teve uma convivência intensa. A criança fala e demonstra afeto, te amo, mamãe, você é linda, mamãe. A criança já tem um rosto feito, seus dentes de leite todos nascidos. Ela tem seu ursinho preferido, uma cor e uma comida. Ela tem a cama dela, com seu cheiro impregnado nos lençóis. Essa criança já sabe cantar muitas músicas e costuma cantá-las no chuveiro, entrando numa espécie de transe enquanto a água escorre. Quando o banho termina, ela grita pela mãe e essa mesma mãe, que vai matá-la mais tarde, a socorre com uma toalha. A criança veste seu pijama puído, pede uma canção de ninar, quem sabe uma história. A menina que tinha medo do medo do medo. A mãe tem tudo planejado ou vai matá-la de impulso? Ela planejou só na cabeça ou traçou um plano no papel? Melhor não deixar pistas. Estou sentada há minutos em minha cama desfeita, os pés congelando porque na troca de roupas esqueci de calçar meias. Meus pés estão cadavéricos, eu mesma começo a pensar que já estou morta por mergulhar nessa sordidez. Só pode existir um lado meu que já morreu. Um lado Jesus e o outro lado morto. A Chorona de azul-celeste. Ensaio uma depressão plúmbea, mas estou com o pensamento pontudo. Os olhos verdes do menino Henry, os dentes irregulares da Isabela. Maria Callas monumental em *Medeia*, soltando no chão a adaga suja de sangue. Feres e Mérmero mortos enquanto dormiam. “Eu quero sofrer!”, ela grita, depois de matar seus filhos para se vingar de Jasão. Mais uma vez a vingança. Ai, de mim. Calço meias felpudas, deixo o

quarto escuro e pesaroso. Desço as escadas, meu passo abafado pelas meias, quase escorrego no último degrau. Bebo água em goles largos. Minha respiração está ofegante, sofro com as cenas que se formam na minha cabeça. Um fio de sangue saindo da pequena boca, as pálpebras abertas e o olhar duro. Minhas filhas, eu as amo. Jamais matarei vocês. Uma delas me chama, como se adivinhasse, está tendo pesadelos. Uma delas choraminga agonizando diante do bicho-papão, a outra range os dentes como se estivesse mascando pedras. Faço shhh shhh e consigo contornar o pavor da noite escura que afunda o quartinho colorido delas: as estrelas que brilham no escuro estão pálidas, e, na penumbra, o urso que perdeu um olho me encara. Respiro, ensaio uma reza que não me convence muito. Volto ao meu quarto, visto meu pijama, deito a cabeça no travesseiro gelado. A melodia se repete nos meus ouvidos, “Ay, Llorona de azul celeste”. Jamais verei nenhum filme de terror, “*The night is dark and full of terrors*”, como disse George Martin na boca de alguma personagem. Volto a sonhar com papel, papel molhado, saindo em profusão da minha boca, vasculho as gengivas com os dedos, bolos de papel molhado, um papel grosso, se desfazendo em fibras úmidas enganchadas nos meus dentes. A ânsia de vômito é constante, mais papel molhado, pedaços irregulares, como gomos de alguma fruta maligna. Engulho. E ainda tem mais. O pesadelo dura a noite inteira, minhas unhas estão tomadas de fibras de papel molhado, é um papel rosa-claro, quase cinza. Cuspo e o papel grosso não sai. Enfio o dedo na garganta e não vomito. A noite é lenta como uma cirurgia complexa e acordo exausta. Minha boca está seca, minha língua ressecada. Um pequeno alívio agônico. Estou atrasada, preciso acordá-las e vesti-las com o uniforme do colégio. Manhã chuvosa e cinza. Umidade gelada. A Chorona passou por aqui? Vamos, filhinha, insisto. Ela vira de lado. Vamos, filhota, peço. Ela estica as pernas. O hálito guardado delas me comove.

Com alguma resistência, consigo arrumá-las para o dia escuro que se inicia. Arremato calçando as meias, um par de unicórnios e um par de gatinhos, depois um pequeno rabo de cavalo. Estão prontas, desçam. Os tênis estão lá embaixo. Não sei se foi o sopro frio que antecipou o estrondo. Não eram trovões, mas os ossos das minhas filhas arrebentando nas escadas. Grito.